

MARÉ VIVA

DIRECTOR: VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 40 — PREÇO 3\$50 - 13/4/77

DE SEMANA A SEMANA

A SOLVERDE «ESQUECEU-SE» DA NASCENTE

A SOLVERDE — Sociedade de Investimentos Turísticos, S.A.R.L., reuniu em Assembleia Geral no passado dia 31 de Março para a apreciação dos relatórios de contas e actividades do ano de 1976. Como tem sucedido nos últimos anos, serviu também esta reunião para a apresentação dos subsídios a conceder para este ano às Associações culturais, desportivas, recreativas e de utilidade pública, em geral, do concelho. Esta distribuição de subsídios, esclarece-se, consta do pacto social da SOLVERDE e daí que este gesto anual daquela sociedade não seja mais do que o cumprimento duma cláusula do mesmo pacto.

Para esta tarefa dos dirigentes da SOLVERDE seria de esperar que fosse usada a maior isenção, no sentido de se atribuírem os subsídios em função da utilidade pública e, mesmo, das necessidades de cada associação. Mas parece afinal que algo mais pesa no critério da SOLVERDE do que as necessidades e a utilidade pública das colectivida-

des. É o que a NASCENTE, pelo menos, tem o direito de pensar. Se não, vejamos:

Fez a NASCENTE, em devido tempo, seguir para a SOLVERDE uma carta em que solicitava a atenção daquela empresa para um eventual subsídio, que sentia merecer dada a grande actividade que vem desenvolvendo desde Maio de 76. Não obteve qualquer resposta. Enviou então segunda carta, registada, reiterando o pedido. Sem resposta também. Embora estranhando esta atitude, a NASCENTE decidiu então aguardar tranquilamente a Assembleia Geral de 31 de Março. Ainda mais estranhamente, a NASCENTE não foi tida nem achada nessa Assembleia. Mais ainda, os sócios da SOLVERDE não ouviram mencionar o nome da NASCENTE por parte do presidente da Assembleia Geral, que não se dignou sequer referir a entrada do pedido, talvez para não ter de justificar a não concessão de subsídio. Justificação que a NASCENTE continua a esperar.

Porquê esta atitude altamente discriminatória? Porque se ignora uma colectividade que, editando um jornal, tem desenvolvido uma intensa actividade cultural, que faz dela com certeza a mais importante associação cultural do concelho? Como se ignora uma colectividade que mantém um Centro de Estudos em que trabalhadores estudam em condições especialmente vantajosas?

Terá o facto do Maré Viva ter tomado posição crítica em relação a algumas das obrigações da SOLVERDE pesado na decisão? Ou será que simplesmente, o presidente da Assembleia Geral da SOLVERDE não gosta da NASCENTE?

Uma coisa é certa: a SOLVERDE errou. E foi deselegante. Não porque, se tivesse dado o subsídio, fizesse recuar o Maré Viva nas suas posições face às suas obrigações. Mas porque se arrogou o direito de discriminar, direito que a sua condição de empresa com deveres para com a população não lhe outorga.

Bombeiros

— ESCOLA DE SOLIDARIEDADE

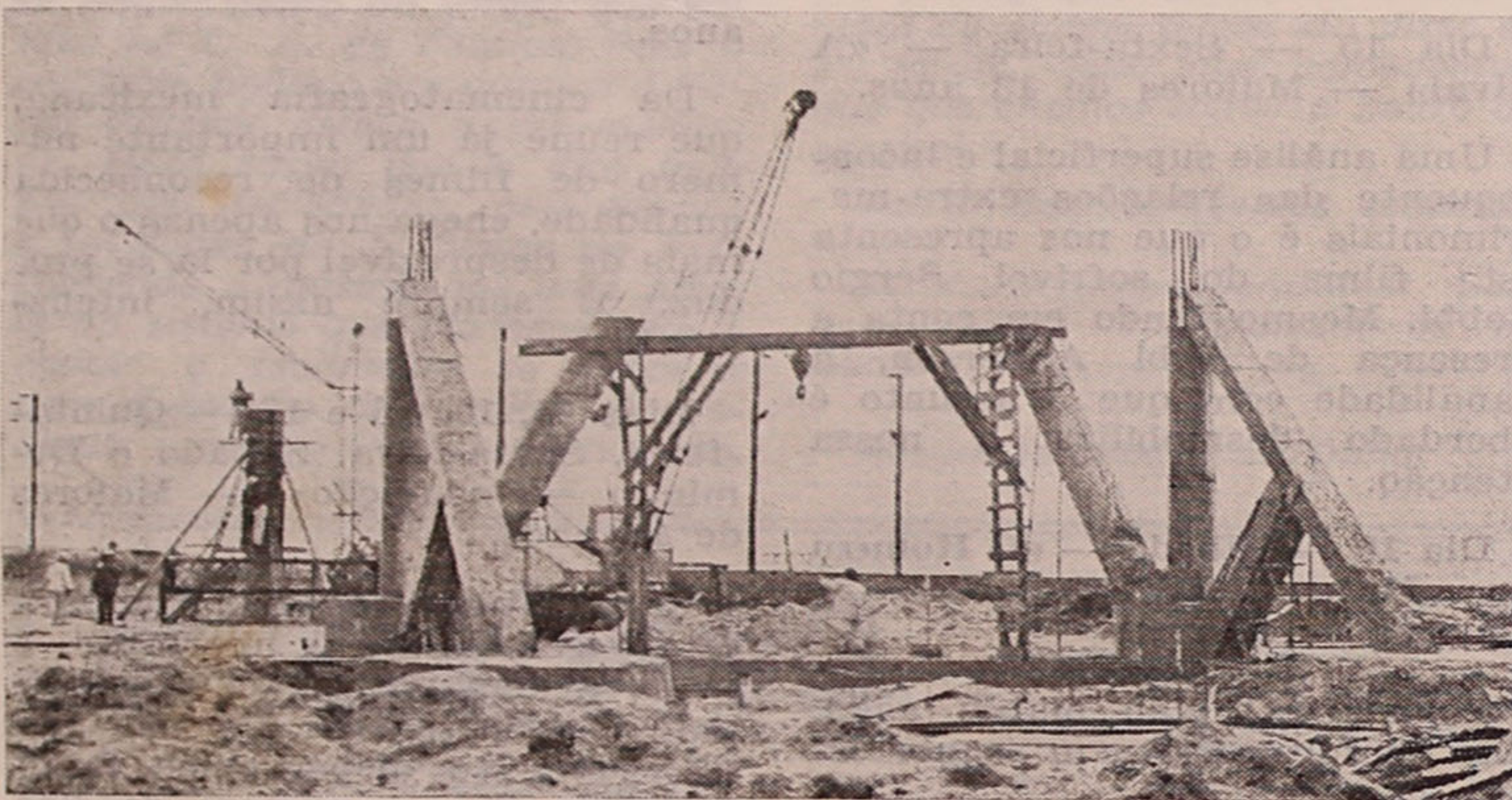
Aconteceu nos Bombeiros Voluntários Espinhenses. Como é já tradição nesta Associação, o último Natal serviu para se dar aos filhos dos bombeiros algo mais do que possivelmente poderiam receber das famílias. O dinheiro necessário para uma festa com distribuição de presentes aos miúdos não foi recolhido, como de costume, com um peditório de casa em casa. Para este efeito optou-se por montar no quartel dos bombeiros uma árvore de Natal onde quem quisesse poderia depositar a sua contribuição. Foi-se também junto de fábricas que ofereceram brinquedos, roupas, etc. Com dinheiro da árvore compraram-se doces e rebuçados e com tudo isto se fez a desejada festa de Natal para as crianças.

É vulgar também que do dinheiro recolhido não se gaste todo e o restante seja distribuído igualmente por todos os bombeiros. E era o que se esperava que sucedesse aos mais de três mil escudos que desta vez sobram.

Sucedeu porém, que na reunião de bombeiros onde se decidiria do destino a dar àquela quantia, um dos bombeiros presentes, Manuel Fernandes da Conceição, sugeriu que o dinheiro fosse entregue na sua totalidade a um antigo bombeiro fanfarrista, que se encontra seriamente doente em casa, desempregado e pai de quatro filhos. A sugestão foi aprovada por unanimidade e o fanfarrista pôde deslocar-se ao quartel e receber aí não só o dinheiro que lhe minimizaria algumas dificuldades, mas também o carinho e amizade dos seus companheiros.

Um gesto que, mais do que pela quantia que envolve, vale pelo exemplo e serve para demonstrar que a solidariedade entre os bombeiros não é palavra vã.

O PONTÃO AVANÇA...



Embora lentamente, por causa das chuvas, as obras do pontão não param. Esperamos com o bom tempo o ritmo desejado.

Leia na página três

Moradores do Bairro Violas (Anta) — lixo e desmobilização

A caminho dos 2.000

A NASCENTE não está disposta a secar. Daí a necessidade do aumento do seu número de sócios. Porque destes é que virá a força que nos fará ousar, e novas ideias, fontes de novas realizações.

Ainda nos lembramos da timidez dos primeiros passos, do 21 de Maio de 1976, quando, meio assustados, vimos encher-se como um ovo o velho salão nobre (pobre nobreza...) da Piscina, com gente interessada num filme polémico sobre a História de Portugal desde os tempos da I República, «DEUS, PÁTRIA, AUTORIDADE», primeira realização do Departamento Cultural da Cooperativa.

Depois veio a lembrança do dia mundial da Criança,

(Continua na pág. 3)



NOTÍCIAS

Semana da R.D.A.

Inscritas na «Semana da R.D.A.» que terá, como no ano transacto, âmbito nacional, o núcleo de Espinho da Associação Portugal-R.D.A. leva a efeito diversas actividades que assinalarão localmente a «Semana».

O Salão da Piscina será, de 17 a 25 de Abril, o palco dessas actividades, de que destacamos:

— exposição fotográfica permanente sobre «Juventude e Desporto na República Democrática Alemã»;

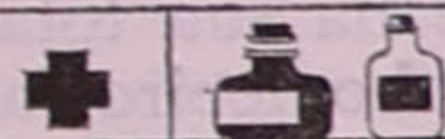
— dia 17, às 16 horas, colóquio sobre «Política Juvenil na R.D.A.», orientado pelo dr. Hartwig Schmidt.

— Dia 23, às 22 horas, sessão comemorativa do 107.º aniversário do nascimento de Lenine, que contará com a presença do jornalista Mário Castrim.

Morte na estrada

Faleceu, a caminho do Hospital de Vila Nova de Gaia, Manuel Lopes Guimarães, de 28 anos, solteiro e residente em Caçufas, Anta, depois da motorizada em que circulava ter embatido com outra que vinha em sentido oposto.

Segundo elementos colhidos no local pelos Bombeiros de Lourosa, o acidente resultou de uma ultrapassagem feita a um carro estacionado em frente ao cemitério de Oleiros, no momento em que surgia a outra motorizada. Do choque, para além da morte do jovem Manuel Guimarães, resultaram ferimentos ligeiros no outro motociclista que não necessitou de receber tratamento hospitalar.



farmácias

QUARTA - Farmácia Paiva
R. 19 n.º 319 - Telef. 920250

QUINTA - Farmácia Higiene
R. 19 n.º 393 - Telef. 920320

SEXTA - Grande Farmácia
R. 62 n.º 457 - Telef. 920092

SÁBADO - Farmácia Teixeira
R. 19 n.º 46 - Telef. 920352

DOMINGO - Farmácia Santos
R. 19 n.º 263 - Telef. 920331

SEGUNDA - Farmácia Paiva
R. 19 n.º 319 - Telef. 920250

TERÇA - Farmácia Higiene
R. 19 n.º 393 - Telef. 920320

Encontrado num poço

No passado dia 1 do corrente, foi encontrado, por pessoas que por ali passavam, um corpo a boiar no poço dos terrenos pertencentes à Junta de Freguesia de Silvalde.

Alertados imediatamente, compareceram a Polícia e os Bombeiros Voluntários de Espinho. Depois de retirado pelos Bombeiros, o corpo foi identificado. Tratava-se de Manuel Gomes de Oliveira, de 51 anos, casado, agricultor e residente no lugar do Loureiro, em Silvalde. O reconhecimento foi feito pelo filho do falecido, Manuel Gabriel, de 27 anos, solteiro e metalúrgico.

Chegados o Delegado de Saúde e o Procurador da Comarca de Espinho, foi ordenada a remoção do cadáver para a casa mortuária do cemitério de Silvalde.

Das averiguações feitas pela PSP, parece não haver suspeitas de crime, sendo de admitir um possível acto de desespero.

Imposto de capitais

A Tesouraria da Fazenda Pública do concelho de Espinho informa que durante o mês de Abril deverá ser pago o **Imposto de Capitais - Secção A**. Este pagamento deve ser efectuado de uma só vez, e será acrescido de juros de mora se for feito fora de prazo. Passados 60 dias sobre o vencimento do imposto sem que este tenha sido liquidado, haverá lugar a procedimento executivo para arrecadação da importância que se encontra em dívida.

Câmara Municipal de Espinho

EDITAL N.º 24/77

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público que esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária de 2 de Abril de 1977, deliberou transferir a feira semanal que teria lugar em 25 do corrente mês, para o dia 26, por coincidir com feriado com carácter obrigatório.

E para constar se afixou este e outros de igual teor nos lugares do estilo e se publica nos jornais «Defesa de Espinho» e «Maré Viva».

Espinho e Paços do Concelho, 4 de Abril de 1977.

O Presidente da Câmara,
Artur Pereira Bártolo

COOPERATIVA DE CONSUMO está mesmo a andar

Anunciámos na devida altura que um grupo de espinhenses se decidira pela formação de uma cooperativa de consumo. Posteriormente e versando a alta do custo de vida apontámos o cooperativismo de consumo como um meio óptimo de defesa do consumidor, face à especulação, ao açambarcamento, enfim, face a todos os mecanismos do sistema de preços que temos e que submergem as populações com a inflação que carregam.

Algumas semanas passadas, perguntarão os leitores o que se passa com a séria tentativa que em Espinho se começou a fazer para a constituição duma cooperativa de consumo.

Pois a cooperativa está mesmo a andar. Depois de três sessões de esclarecimento e informação sobre o movimento cooperativo realizadas na Piscina e com um número animador de pessoas interessadas, começaram já a ser distribuídas **FICHAS-INQUÉRITO**, que servem para uma

inscrição provisória e permitem que seja avaliado o grau de adesão da população de Espinho.

Estas fichas estão a ser amplamente distribuídas nas zonas populacionais e nos locais de trabalho, mas é provável que, mesmo assim, não cheguem a todos os interessados. Se for o caso do leitor, deverá procurar obter a ficha-inquérito para que possa ser devolvida com brevidade e assim se possam medir forças para se prosseguir em nova fase de levantamento da cooperativa.

Esta ficha-inquérito poderá ser procurada junto dos elementos da Comissão de Dinamização da Pré-Cooperativa de Consumo: Alfredo Casal Ribeiro, João Carapêto, Fernando Meneses, Olindo Moutinho, Dias Carneiro, Adelina Coimbra.

Do resultado deste trabalho e fases subsequentes iremos dando conhecimento aos leitores, pois julgamos que o interesse deste assunto o justifica.



CASINO

Dia 14 — Quinta-feira — «Amores sem Freio» — Maiores de 18 anos.

Pornografia barata, chata e ridícula, é a definição que mais se ajusta a esta fita.

Dia 15 — Sexta-feira — «A Rival» — Maiores de 13 anos.

Uma análise superficial e inconsequente das relações extra-matrimoniais é o que nos apresenta este filme do sofrível Sergio Gobbi. Mesmo tendo em conta a presença de Bibi Anderson, a banalidade com que o assunto é abordado desmobiliza a nossa atenção.

Dia 16 — Sábado — «O Homem que Matou Billy the Kid» — Maiores de 10 anos.

É mentira! Não matou nada. Não acredite. Ele nem sequer esteve lá...

Dia 17 — Domingo — «A Madrastra» — Maiores de 18 anos.

Esta película de «terror e suspense» é de tão fraca imaginação e de pobreza de recursos, que somos levados a sugerir melhor ocupação para este dia de descanso.

Dia 18 — Terça-feira — «Seita

de Vampiros» — Maiores de 18 anos.

De tema igual ao filme referido atrás, ocorre-nos recordar que não vislumbramos nos filmes desse género que têm sido ultimamente exibidos em Portugal um único que possamos considerar comparável, quanto à sua qualidade, àqueles famosos filmes «diabólicos» e que tantos admiradores criaram. Ora, como vínhamos dizendo, ainda não é desta.

S. PEDRO

Dia 13 — Quarta-feira — «Desejo Carnal» — Maiores de 18 anos.

Da cinematografia mexicana, que reúne já um importante número de filmes de reconhecida qualidade, chega-nos apenas o que mais de desprezível por lá se produz. É sempre assim, infelizmente.

Dias 14, 15, 16 e 17 — Quinta-feira, Sexta-feira, Sábado e Domingo — «Afeição» — Maiores de 18 anos.

Caro leitor, prepare-se lá para esta: «este filme é aberrante, é falso, é demagógico, é obscurantista e desprezível». Ele não merece que lhe dispensemos tanto destaque, mas o número de dias em cartaz a isso nos obriga.

Dia 18 — Segunda-feira — «A Ilha dos Piratas» — Maiores de 6 anos.

Para terminus de tão fraca semana cinematográfica, resta-nos aconselhar com relativo enlevo este filme de aventuras e que é de manifesto agrado para o público mais jovem.

ANTA

Moradores do Bairro Violas — Seus problemas

Fomos até ao bairro «Violas» no alto da rua 33, alertados para alguns problemas em que os moradores se debatiam. Logo procuramos contactar alguns membros da Comissão de Moradores para com eles trocarmos algumas impressões. Fomos bem sucedidos nesse propósito pois os srs. Dário Silva e Fernando Ribeiro imediatamente se dispuseram a colaborar connosco.

«A Comissão de Moradores praticamente não está a funcionar actualmente devido ao desapoio desmobilizador que sempre sentimos da parte das entidades oficiais e, o que é mais grave, dos próprios moradores que só teriam a beneficiar com o nosso trabalho. Pois nós temos além do trabalho diário, outras ocupações e, se já é difícil «tocar muitos instrumentos ao mesmo tempo», sem apoios e lutando a favor de moradores que não se queixam, não aparecem a reuniões, etc., desmoraliza-se muito facilmente. De início trabalhamos com afinco, resolvemos alguns problemas com receitas de alguns bailes que promovemos; principiámos a construção de um parque infantil, que o sr. pode ver lá fora, e tencionávamos cimentar metade do recinto e colocar areia na outra parte com escorregão, além de baloiços que lá estão. Com rede cedida pela Fábrica do Violas (pois eles têm muita inutilizada por defeito de fabrico) cercávamos este recinto, que se situa no interior do bairro, e poderíamos colocar lá tabelas de basquete, balizas, etc.»

Mas dos planos à realidade... Ouvimos o que mais nos disseram os dois elementos:

«O nosso problema número um, é a falta de recolha do lixo. Vou descrever o seu processo e por ele poderá compreender todo o estado de espírito que rodeou esta Comissão.

Nós arrancamos em 1975 e logo colocámos os nossos problemas ao sr. Edgar, genro do Violas que estava na C. A. da Fábrica. Pois o ambiente político era outro e o Poder Popular estava a ser realidade, tanto assim que o dito logo nos deu facilidades, garantiu-nos a resolução do problema do lixo, chegando a mostrar-nos uma planta do sistema que planeava para o conter e facilmente se despejar para o camião de recolha. O processo político foi-se alterando,

assim como a posição da Fábrica: o plano já ficava muito caro e o problema ficou abandonado. Foi-nos exigido ainda pagamento das garagens que eram gratuitas até então, com a desculpa que elas seriam necessárias para armazém da fábrica. Claro que nessa altura, as rendas não podiam subir; foi uma maneira de contornar esse obstáculo.

Recorremos à Câmara: o sr. Bartolo acabou por nos garantir o envio de um camião duas vezes por semana, o que no entanto é pouco, pois somos muitos moradores e o lixo aglomera-se ali vários dias, num local onde as crianças brincam, e provocando aglomeração de insectos e mesmo cães e gatos, além dos ratos e lagartos. Isto a 6 metros das primeiras casas! Temos desde já há muito pedido a instalação de vários contentores aqui para ao menos o lixo ficar mais isolado, fechado e fora do alcance das crianças. De Verão o cheiro é insuportável! A Câmara, bem sabemos que não pode fazer tudo, mas recebeu-nos um bocado mal das últimas vezes que lá fomos. Compreendemos que não tenha muito dinheiro, o que aceitamos. Simplesmente não íamos lá exigir nada, mas apenas mencionar os problemas e tentar a melhor forma de os resolver. Mas parece que não fomos compreendidos...»

M. V. — E os moradores que vocês representam davam-vos apoio?

«Pois aí esteve o maior mal: enacetámos todas as diligências a favor de quem? Marcava-se reuniões, apareciam 5 ou 6 pessoas; alguns membros da própria Comissão tinhamos que os ir buscar a casa; os locatários das casas mais próximas do lixo, nem sequer se queixavam (!); faz-se pedidos para o parque infantil, moradores há que diziam não estar interessados... E isto tirando as constantes piadas que ouvíamos e até o facto de alguns terem ido dizer ao sr. Edgar, logo que começámos, que queríamos tomar o bairro de assalto!

Assim desmobilizamos mesmo!»

M. V. — Como entraram para este bairro? Trabalhavam na fábrica?

Respondeu-nos o sr. Dário:

Director:

Victor Sousa

Redacção - R. 62 n.º 251 - 1.º
Telef. 921621
ESPINHO

MARÉ VIVA

SEMANÁRIO

Propriedade:
NASCENTE — Cooperativa de
Acção Cultural, s.c.l

Fizeram este número:

A. Pinheiro, Ana Maria, A. Letra, A. Mota, Dário Capela, Eugénio Morais, Fausto Neves, J. Fidalgo, José Cruz, M. Loureiro, Morais Gaio, Rogério Baptista e Victor Sousa.

Carlos Pinhão, Martins, Alberto Barbosa e Departamento Cultural da NASCENTE.

Composição e Impressão: Of. Gráficas da Casa Nun'Álvares - Porto

SILVALDE

NA MARINHA

Comissão de Pais trabalha para o Infantário

Comissão de Pais colabora com o Instituto de Obras Sociais. O «Maré Viva», ao ter conhecimento disto, não quis passar sem falar com os seus componentes. Lá fomos e contactámos com um dos elementos da Comissão, que nos recebeu de braços abertos e sempre disposto a responder às perguntas que lhe pusemos.

Começámos por perguntar ao sr. Moisés Lima em que moldes se tinha processado a eleição da

Comissão, ao que ele nos respondeu:

— Bom, esta Comissão de Pais foi eleita em Assembleia de Pais, por votação secreta. Após a eleição, os elementos mais votados (José Fernando Ferreira Mendes, Moisés Lima Gomes Ferreira, António Pires Serra, Julião Ferreira Caneira e Hernâni Pereira Neto) vieram a constituir a Comissão. A Assembleia comprometeu-se a dar-nos todo o apoio de que pudessemos vir a necessitar desde agora.

Inquirimos em seguida sobre o papel a desempenhar pela Comissão, uma vez eleita.

— A primeira tarefa da Comissão foi inteirar-se dos problemas existentes, a fim de os começarmos a enfrentar. Ao termos conhecimento das carências desta zona (é preciso fazer notar que o I.O.S. não está só virado para o bairro piscatório, mas sim aberto para toda esta zona), pensa a Comissão entrar numa segunda fase, que será aumentar a capacidade de albergar crianças, visto dispormos de uma lista com dezenas de pedidos de entrada. Neste momento o Instituto tem no Jardim-Escola cerca de 60 crianças, e no Infantário tem 12. É do interesse da Comissão a abertura desta segunda fase para o Infantário, pois ela vai permitir a entrada de mais umas 32 crianças.

Brevemente pensamos em começar as obras, como a abertura de uma porta que irá dar acesso à sala onde darão entrada as novas crianças (podemos acrescentar que a mão-de-obra é dada pela Comissão de Pais). Nós, quando vemos um buraco onde possamos meter mais crianças, não olhamos atrás. Claro que, depois, tratamos sempre de arranjar as mínimas condições necessárias.

E interrompemos aqui o nosso entrevistado para lhe perguntarmos se não estava nos planos da Comissão resolver o problema da vedação.

— Sim, esse é um dos vários problemas que nos propomos resolver. O da vedação, e também o do arranjo dos portões no Jardim-Escola e no Infantário. Porque, repare, os miúdos mais crescidos vêm para aqui e, como não há vedação, andam por aí, atiram pedras, falam mal. Ora há momentos em que as crianças estão em descanso, o que faz com que fiquem sobressaltadas... Nós somos pais, eles conhecem-nos bem, e mesmo assim por vezes em casa temos de andar em bicos de pés para não os incomodar.

Perguntámos finalmente ao sr. Moisés Lima se queria deixar algum apelo especial. Respondeu-nos:

— Pois, para que tudo isto aconteça pensamos ter o apoio das entidades locais, tais como a Câmara, o Turismo, e outras. Só com o seu auxílio poderemos seguir em frente com esta grande obra.



«Pois este bairro diziam que era para os operários do Violas. Na altura trabalhava na fábrica e ganhava a mísera quantia de 52\$00 por dia. Como é que podia pagar a renda de 750\$00? Assim as casas foram tomadas por quem tinha dinheiro para as pagar independentemente de trabalhar ou não no Violas!

Ainda a propósito do lixo é indedessante referir o corte que fizeram às 8 horas de trabalho da empregada do bairro que agora só trabalha 4, apenas para não lhe pagarem o ordenado mínimo. Agora ela tem pouco tempo até para recolher o lixo das casas, o que agrava o problema!»

E deixámos estes dois combativos elementos, apesar de um pouco desmoralizados, augurando-lhes dias melhores.

Em contacto com a Câmara pudemos saber que um contentor deverá ser instalado nos próximos dias no referido bairro para a recolha do lixo.

VISTA OS SEUS FILHOS

na BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

TALHO
e Charcutaria
CENTRAL

Servir bem — Boas carnes
Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

A Constituição e os trabalhadores

Um ano volvido sobre a promulgação da Constituição da República, foi-nos grato ouvir as forças Democráticas e Progressistas, afirmarem o seu empenhamento e disposição de lutarem intransigentemente pelo seu cumprimento.

Infelizmente nos últimos meses, nem sempre o Governo Socialista tem sido o exemplo de bem cumprir a Constituição: As medidas tomadas recentemente contra as empresas intervencionadas assumem inquietante significado. Com efeito, determinar a devolução ao patronato sabotador, de diversas empresas intervencionadas (Tomé Feteira, Guérin, Auto-Reconstrutora do Barreiro, etc.), para além de atropelo aos interesses e direitos dos trabalhadores e gravíssimo contributo para ampliar tensões e conflitos sociais, é antes de mais, um atentado à Constituição.

Devolver empresas ao patronato que as descapitalizou, praticando irregularidades, desvian-

do fundos em proveito pessoal, fazendo desaparecer documentação, será contribuir para a recuperação económica do País?

A devolução de empresas intervencionadas a quem as arruinou e sabotou, a quem mostrou ser incapaz de se adaptar às novas realidades da democracia portuguesa, a quem tudo fez para lançar a economia nacional no caos e os trabalhadores no desemprego, não corresponde aos verdadeiros interesses dos trabalhadores e da economia portuguesa.

O Governo esquece os esforços, sacrifícios e a capacidade criadora dos trabalhadores portugueses, mas em contrapartida, com as suas atitudes, mostra depositar grandes esperanças nos capitalistas.

O Governo não pode continuar a ignorar a vontade e os direitos dos trabalhadores, sob pena de perder a autoridade moral de falar em nome da Constituição da República.

Suspensos 32 trabalhadores da SICOR

Conforme noticiámos anteriormente, os trabalhadores cordoeiros da «Sicor» estiveram parados lutando por melhores condições de vida e pela garantia do seu direito ao trabalho.

Entretanto, um dia após o recomeço da laboração, a Administração da empresa suspendeu 32 trabalhadores, entre os quais se encontravam membros da Comissão de Trabalhadores, Delegados Sindicais e um elemento da União dos Sindicatos de Aveiro.

Contactámos o Sindicato dos Cordoeiros e Tapeteiros de Cortegaça, que nos referiu a justiça da luta dos trabalhadores, face ao terrível aumento do custo de vida e à necessidade de conseguirem garantias de que a Administração não iria exercer represálias.

A propósito das suspensões agora verificadas foi-nos referido: «Trata-se de uma manobra do patronato basicamente com dois objectivos:

— Por um lado, dividir os trabalhadores, afastando aqueles que mais se distinguiram ao longo dos tempos na defesa dos interesses dos trabalhadores.

— Por outro lado, pretende-se com esta manobra criar condições de intimidação dos trabalhadores têxteis em geral, uma vez que estão a decorrer as negociações do Contrato Vertical do sector. Aliás, referiu-nos o nosso interlocutor, «já anteriormente a Comissão Negociadora Patronal tentou paralisar as

negociações com o argumento da greve da «Sicor», esquecendo que a greve é uma forma de luta e que o seu uso pelos trabalhadores mais não é do que exercício de um direito consignado na Constituição da República.»

Referiu-nos ainda o Sindicato as diversas «démarches» efectuadas junto das entidades oficiais, nomeadamente Delegação do Ministério do Trabalho de Aveiro, que mantém uma posição de expectativa perante o problema agora criado pela Administração da «Sicor».

CASA

TRANSMONTANA

ALMOÇOS E JANTARES

Especialidade em Bacalhau à Transmontana e Rojões à Portuguesa

LANCHES VARIADOS

Serve-se o melhor vinho de Rio Maior

Avenida 8 n.º 774 ESPINHO

Manuel da Feira

Manuel de Oliveira M. Ferreira

Serviço à lista - Almoços e Jantares - Cozinha Regional Especialidade em frango embragado e Coelho à Beirão

Rua 26 n.º 625 — ESPINHO



TRABALHO

«a TERRA» lança fundo de apoio às organizações camponesas

Em notícia publicada no passado mês no jornal «a TERRA», afirma-se a dado ponto que «a constituição de organizações de classe dos camponeses vai reforçando um poderoso movimento reivindicativo que defenderá, ao lado do MARN, do MAPRU e outras organizações, os interesses dos pequenos e médios agricultores e rendeiros do norte e centro do país».

Afirmando mais adiante que «no dia em que os camponeses do norte se levantarem organizadamente contra a exploração e o caciquismo, a Revolução de Abril retomará o seu caminho aberto». «a TERRA» anuncia a sua decisão de lançar o FUNDO DE APOIO

AS ASSOCIAÇÕES CAMPONESAS com o objectivo de ajudar as mais necessitadas no seu trabalho de legalização e alargamento da sua força. O dinheiro recolhido servirá ainda para auxiliar grupos de pequenos e médios agricultores a formarem a sua Liga ou a sua Cooperativa.

Ao mesmo tempo «a TERRA» anuncia a constituição de novas Ligas de Agricultores e Rendeiros o que denota que o movimento e organização dos pequenos e médios agricultores do norte é já uma realidade cimentada em muitos concelhos que contribuirá decisivamente para a libertação definitiva desses agricultores!

Semana da R. D. A.

17 a 25 de Abril de 1977

PROGRAMA

Exposição Fotográfica (permanente) sobre

«Juventude e Desporto na República Democrática Alemã»

Dia 17 — Domingo, às 15,30 horas

— Colóquio sobre «Política Juvenil na R.D.A.» orientado pelo Dr. Hartwig Schmidt

Dia 22 — Sexta-feira, às 22 horas

— Convívio com associados que visitaram a R.D.A. — Projecção de diapositivos

Dia 23 — Sábado, às 22 horas

— Sessão Comemorativa do 107.º Aniversário do Nascimento de LENINE, com a presença do jornalista MARIO CASTRIM

Dia 24 — Domingo, às 22 horas

— Projecção do filme «O Desporto na R.D.A.» Comentado por professor de Educação Física estagiário na R.D.A.

No SALÃO DA PISCINA

Atenção — Ao adquirir na banca de vendas um livro sobre a República Democrática Alemã, fica habilitado a participar no sorteio de uma viagem e estadia por uma semana naquele país socialista.

ENTRADA LIVRE

Secção Cultural da Académica vai ser suspensa?

Secção Cultural ameaçada de suspensão!

O Teatro Popular de Espinho, Grupo da Secção Cultural da A.A.E., tem que deixar de ser o Teatro Popular de Espinho. Caso contrário, a Secção Cultural será suspensa até que uma Assembleia Geral se pronuncie.

Contemos os factos.

Os estatutos da A.A.E. têm vindo a ser discutidos, de há cerca de dois meses para cá, em sucessivas assembleias convocadas para o efeito. A afluência de sócios tem sido, por sinal, muito reduzida. Na última destas Assembleias, quando ficaram concluídos os Estatutos, e dado que na Ordem de Trabalhos havia o habitual 2.º ponto (discussão de quaisquer assuntos de interesse para o clube), os sócios presentes aproveitaram a ocasião para discutir e repudiar alguns aspectos da actuação da Secção Cultural. E, conforme vieram a referir os cronistas desportivos, foi votada por «esmagadora maioria» uma espécie de moção de censura à Secção Cultural, obrigando o grupo de teatro a renegar a sigla «Teatro Popular de Espinho», sob pena de suspensão.

Em princípio, tudo muito certo. Um grupo de associados, reunidos em Assembleia Geral, pronuncia-se quanto a aspectos da vida do clube. Simplesmente, há uma tomada de posição bastante grave: é gravíssima, parece que mesmo sem precedentes, a suspensão por inteiro de uma secção. E aqui, então, começamos a estranhar algumas coisas. Estranhámos muito em especial o procedimento da Mesa da Assembleia Geral, encarregada de dirigir os trabalhos. Numa assembleia que se sabia prioritariamente destinada à discussão dos Estatutos, quando já a hora ia adiantada (passava da meia-noite...), quando na sala se encontravam uns escassos 6 ou 7 sócios, a Mesa permite que se tome decisão de tal gravidade para a vida do clube? E se, em vez daqueles senhores, estivessem lá 6 sócios que não gostassem de hóquei em patins e decidissem a suspensão das equipas de hóquei em patins da A.A.E.? A Mesa acatava tal decisão? Ou, pelo contrário, sugeria aos presen-

tes que se convocasse, tão logo quanto possível, uma Assembleia Geral extraordinária para discussão de tão grave problema? Claro que há cobertura legal para o que foi feito. Havia um segundo ponto na ordem de trabalhos. Mas não se trata já de cobertura legal, trata-se de seriedade, de honestidade, de um mínimo de cuidado para salvar a democraticidade das decisões. Ninguém sabia que, naquela reunião, se proporia a suspensão da Secção Cultural da A.A.E. Além disso, os sócios presentes, se queriam discutir a actuação da Secção Cultural, certamente teriam avisado alguns dos elementos desta, para que pudessem estar presentes e prestar quaisquer esclarecimentos. Assim, até parece que esses associados nem queriam os esclarecimentos...

Quanto à decisão tomada, estranha-se um pouco. Claro que não é de agora um determinado tipo de atitudes em relação ao trabalho da Secção Cultural. Quantas coisas já se disseram daquele punhado de jovens que persiste teimosamente, contra ventos e marés, decidido a fazer qualquer coisa! Mas estranha-se que se ponha em causa o tipo de teatro que o grupo faz, aspecto que só ele terá competência para decidir, desde que não contrarie os estatutos. Se uma Assembleia não se pronuncia quanto às táticas do voleibol ou do hóquei, porquê censurar o tipo de teatro (no caso, teatro popular e não teatro de pesquisa ou santo ou de vanguarda) que a Secção Cultural escolheu fazer, dentro de toda a legalidade?

A Secção Cultural já tem mostrado muito trabalho. Se há uma «esmagadora maioria» (que certos cronistas pouco sérios tanto se empenharam em gritar aos quatro ventos, e que na prática eram apenas 6 — seis — sócios...) a censurá-la, também deve haver um número razoável a apoiá-la pelo trabalho que tem feito. E que deve continuar a fazer. O grupo de teatro da Secção Cultural continuará a fazer Teatro Popular, o coro vai cantando Música Popular o Grupo da Criança e dos Fantoques farão Animação Popular. Aliás, de que outra maneira poderia ser?

GAZETILHA

PROBLEMAS DE ESTRADAS

*Já cai a neve sobre a minha estrada,
Toda buracos como as do país.
Pra trás vejo, naquela que é passada,
Um tempo inda com laivos de feliz.
Para a frente, porém, tudo é mistério,
Sem visibilidade, fria bruma,
Porvir que nos aguarda — um caso sério,
Onde esperanças morrem, uma a uma.*

*Estrada tenebrosa nos espera
Quando vai declinando o sol da Vida
E já se esfumam restos da Quimera,
Nas sombras do poente diluída.
O pálido reflexo que inda existe
Da chama que se foi e mais não volta,
É bruxuleio ténue e só resiste
Até chegar o vento, à rédea solta!*

*Dividas d'honra, que jamais se cobram,
De sonhos d'oiro foram capitais:
Nos farrapos de vida que inda sobram,
Só há sombras e cinza — nada mais!*

*... ..
Mas se essa estrada em frente é tão escura
E tão tremenda — dum truque me valho:
— Vou propôr ao Destino esta loucura:
Fugir dela! Tomar por um atalho!*

Alberto Barbosa (BEKA)

NASCENTE cineclube

— PORTUGAL NO CINEMA —

Sábado, dia 16, às 21.30 horas, na Piscina

o filme:

«VIVA PORTUGAL» — A evolução do 25 de Abril durante o primeiro ano de revolução.

Nota crítica — Misturando considerações sobre os acontecimentos, feitos a partir de um texto, com entrevistas a militares do M.F.A. e a diversos trabalhadores, operários e camponeses, o filme procura evidenciar as características mais salientes do processo socialista português, como que elogiando a unidade Povo - M.F.A., garante da originalidade do processo, procurando ainda mostrar como os soldados estiveram ao lado do Povo, sobretudo no 28 de Setembro, no 11 de Março e em numerosos actos revolucionários.

S A I D A S

Com o filme «VIVA PORTUGAL»

A **Guetim** — Sexta-feira, dia 15, às 21.30 horas, na sala da Junta de Freguesia.

A **Granja** — Domingo, dia 17, às 21.30 horas, na sala do Grupo de Bem-Fazer da Granja.

FÁBRICA DA BRASILEIRA



ramiro de sá couto, lda.

— Caixas de Cartão Canelado —

Papéis — Embalagens — Artes Gráficas

Telefone 967101

Apartado 11

S. Paio de Oleiros

QUIÓSCUE SUBTERRÂNEO

Jornais — Revistas — Tabaco

À SUA MÃO

Na passagem sob a via férrea

CAFÉ E RESTAURANTE COPÉLIA

Almoços e Jantares
Serviço à lista

Especializado em Casamentos
e Baptizados — Grande variedade de Petiscos

Rua 23 n.º 808 — ESPINHO

NASCENTE — Actividade Infantil

Sábado dia 16 pelas 15,30 horas

NO SALÃO DA PISCINA

Sessão de cinema com filmes da Embaixada da França

— ENTRADA GRATUITA —

(em colaboração com a Secção da Criança da A.A.E.)

Exposição B. D. em Ovar

— Entrevista com Vasco Granja e outros

(Conclusão da pág. 8)

José Garcês — A explicação plena para a sua pergunta levava muito tempo, e não vamos aprofundar muito, pois seria maçador. A hipótese de se fazer aqui qualquer coisa, eu parece-me que haveria sempre, duma maneira ou de outra eles poderiam fazê-lo. Há um problema mais complexo, é que o artista português, de todas as categorias (agora tanto faz ser de BD como de qualquer lado), quer logo ser vedeta, quer logo atingir o estrelato. Esse mal é que tem levado muitas pessoas a sair do país. Porque lá fora lhes pagam mais? Mas pagarão mesmo mais? Evidentemente, se a gente for ver, pagam! O Eduardo Teixeira Coelho nunca receberia em Portugal o que está a receber no «Pif» há uma série de anos. Carlos Roque quando saiu de Portugal não era o desenhador que é hoje na Bélgica. Era um desenhador já bastante

bom, trabalhava então em publicidade e foi para a Bélgica assim como a pessoa que vai ver como é. O Cortês, por exemplo, foi para o Brasil nas condições em que o Roque foi para a Bélgica. Tinha saído do «Mosquito»: Hoje sei que teve muitas dificuldades e que só não veio embora apenas por não pensar em voltar.

Vasco Granja — A saída para esta situação é possível num sistema capitalista? Há o caso único do Canadá, onde o governo assegura a produção a todos os autores de reconhecida competência.

Nos países socialistas a produção é assegurada pelo Estado. A haver problemas, eles não se situarão com certeza no campo económico.

Entrevista conduzida por Álvaro Cordeiro, Victor Sousa e Eduardo Oliveira. Fotografias de José Cruz.

Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

Cardoso & Valentim, Lda.

Apartado 18

Seixezelo

Argoncilhe

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

Depósito de Frutas — Vendas por Junto e a Retalho

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

A caminho dos 2.000

(Conclusão da 1.ª pág.)

veio o Teatro, algumas outras fitas que tivemos o cuidado de escolher dentre o melhor que os circuitos comerciais põem à nossa disposição. Aconteceram algumas falhas pois ninguém é perfeito. Veio o 5 de Outubro e a lembrança do «Zé Povinho» e do seu autor Rafael Bordalo Pinheiro, veio o CINANIMA-76 e com ele o mundo maravilhoso do Cinema de Animação e da Banda Desenhada, veio Dezembro e «Trás-os-Montes» — estreia cá pelo Norte — que muitos criticaram por ser português.

E depois veio outro ano, nova vida e mais responsabilidades, mais teatro e mais cinema, e novos projectos. Enfim.

Estamos em Abril. Chegaremos aos dois mil? Para isso conseguir Novas portas há que abrir.

Uma, apenas uma, das muitas possíveis: conhece gente que aprecie o cinema, que admire o poder comunicativo do teatro, que reconheça a necessidade dum trabalho cultural voltado para as crianças que cuide do seu desenvolvimento manual e mental, gente com ideias, estudantes, operários, pescadores, doutores e reformados, desempregados e subempregados, e tantos outros que não nos ocorre?

Conhece?

Fale-lhes de nós, da NASCENTE, uma COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL criada para servir os seus interesses.

Se o fizer, no próximo dia 21 de Maio haverá com certeza um sócio ostentando no seu cartão o bonito número 2001...

DESPORTO

MALAGUETA

(Continuação da pág. 7)

minha vida, e sem qualquer razão. Mas isso passou e o Espinho actualmente tem como principal objectivo o 2.º lugar para ele, mas foi pena o afastamento de Simplício e Ribeirinho, de Juvenal e Alemão, estes dois últimos dos jogadores mais caros dentro da equipa, estando para ir jogar nos Estados Unidos da América. Ele estava também para me dispensar juntamente com o Aníbal, o Helder, o Lemos, e o Télé. Mas à última hora aceitei-me, tendo contrato até 1979. É claro que tenho sido acarinhado pelos espinhenses mas, a mudar de clube, gostaria de jogar no Barreiro (Barreirense, CUF ou Luso) por ter lá família. E o principal é arranjar-me emprego, pois como poderei eu assegurar o meu futuro e o do meu filho? O que me interessa é a profissão, a sobrevivência.»

Mas falemos do que se passa este ano, das possibilidades do Espinho neste campeonato, da concretização das suas aspirações.

«Tivemos má carreira devido aos problemas internos. Mas desde que ganhamos conjunto subimos de forma. Antes era cada domingo uma equipa, agora temos uma formação certa. O treinador é duro, exige muito de nós, mas é por essa razão que estamos actualmente nesta forma, quando

no fim do campeonato todas as equipas se vão abaixo. O que nos vale é a superioridade em aspecto físico. Mas temos é que ganhar os jogos todos, não confiar em demasia. O Vilanovense, nosso próximo adversário, é o último da tabela classificativa, mas não podemos contar com terceiros, temos que olhar para nós próprios, contar com adversários de valor como o Paços de Ferreira e o Riopele, principalmente este último, há cinco anos com o mesmo treinador e a mesma equipa. O que nos interessa é que a Federação resolva o mais depressa possível o caso Paredes/Riopele.

Para atingirmos o que desejamos, precisamos do apoio da massa associativa e não é como no jogo com o Régua, começando a assobiar só por não termos dado dez bolas.»

E o futuro? Estará Malagueta satisfeito com a sua opção profissional?

«No início da minha carreira, falhei por minha cabeça, não tive juízo, mas depois, acertei, mas não singrei porque fui explorado. O jogador profissional está sempre sujeito às arbitrariedades dos contratos, dos oportunistas dos empresários. Todos os jogadores deviam praticar futebol em «part-time», e ter emprego que lhes assegurasse futuro, pois salvo raras excepções que será da nossa vida?»

RESULTADOS

ANDEBOL

Campeonato Regional da 2.ª Divisão

Bonfim, 14 — SCE, 17

HÓQUEI EM PATINS

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão (Zona Norte)

AAE, 12 — Águias do Porto, 5
Carvalhos, 5 — AAE, 1

Campeonato Regional de Juniores
AAE, 2 — Desp. da Póvoa, 0

Campeonato Regional de Iniciados

Ovarense, 2 — AAE, 18
AAE, 5 — Infante de Sagres, 2

VOLEIBOL

Campeonato Nacional de Juniores

Nun'Álvares, 0 — SCE, 3

Campeonato Nacional de Iniciados

Ac. de S. Mamede, 3 — AAE, 0

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275

Telef. 920413 ESPINHO

Campanha dos 2.000

Desejo inscrever como

Sócio da Nascente / Assinante do MARE VIVA

(riscar o que não interessa)

Nome

Morada

O proponente,

D E S P O R T O

A ENTREVISTA DA SEMANA

MALAGUETA

— **Depois de acabada a carreira de futebolista que será da nossa vida?**

Malagueta, ou melhor, Serafim dos Anjos Mesquita Pedro, de 30 anos de idade, jogador do Sporting de Espinho, há três épocas, é um dos elementos com mais credenciais dentro da equipa, com mais pergaminhos: basta ter sido extremo-esquerdo no F. C. do Porto, basta ter sido duas vezes internacional pela selecção de «Promessas», basta ser para os adeptos dos «tigres» um símbolo das grandes tardes, dos jogos internacionais, dos milhões rolando livremente entre contratos de pretensas «super-estrelas» que os grandes clubes contratam. E os grandes clubes, com responsabilidades de nome e económicas, não podem deixar de ter nas suas fileiras, jogadores de primeiro plano. Daí que Malagueta tenha prestígio, seja um nome com realce na equipa local. Mas vamos ao que nos interessa, à entrevista feita perante o extremo-esquerdo da equipa cá do burgo, acerca da sua carreira, do comportamento do Espinho neste e noutros campeonatos, do seu futuro como jogador profissional, como dependente do chute da bola de couro.

«Vim à experiência em 1966 para o Porto, durante seis meses e, sendo aprovado, fiz contrato durante três anos. Quando iniciei o serviço militar fui emprestado ao Barreirense, mas fiz só cinco jogos, tendo obtido o quarto lugar, com Manuel de Oliveira a treinador. Depois tive problemas a nível militar e fiquei dois anos

sem jogar futebol. Após este castigo estive mais um ano no Barreirense, obtendo a equipa o 6.º lugar sob o comando de Carlos Silva. Em 71/72 alinhei como titular nos «azuis-e-brancos», sendo a época em que me considerei em melhor forma. Mas actualmente, com o andar do tempo fui evoluindo, sentindo-me agora muito mais capaz. Depois, devido a uma rotura muscular, o Porto «vendeu-me» ao Espinho, assinando um contrato de fraco nível com os «tigres». Subimos depois à 1.ª Divisão, mas não tínhamos equipa à altura e apesar do que se pode ter dito, Fernando Caiado não teve culpa, pois os jogadores não correspondiam ao exigido por um calendário de primeiro plano. Na época em que regressámos ao plano secundário, só não subimos porque a massa associativa, quando ganhávamos por duas bolas a zero ao Gil Vicente, invadiu o campo, por eu e Amaral termos sido expulsos. É claro que foi de forma injusta, mas estas atitudes nunca se podem aprovar. Foi a única vez na participar na «liguilla». É claro que esta época existiram grandes problemas internos que influíram no nosso campeonato. O treinador e o Departamento de Futebol não se entendiam. Eu mesmo tive questões e, por isso, fui multado em 5.000\$00. É certo que Mário Morais é competente, mas tem um feitiço difícil. Eu já lho tenho dito. Por exemplo, o critério é de-

(Continua na pág. 6)



DE RELANCE...

Esta semana há a destacar a vitória da equipa senior de andebol do SCE no Campeonato Regional Portuense, 2.ª Divisão.

Efectivamente, depois duma 2.ª volta em que contaram os jogos por vitórias, os espinhenses fizeram jus à vitória final mostrando um apuro técnico-tático superior ao dos seus adversários.

No hóquei em patins os seniores da AAE com a derrota sofrida nos Carvalhos devem ter enterrado todas as esperanças de apuramento para a fase final do nacional. Realmente esta equipa nos jogos fora tem-se mostrado demasiado frágil pelo que as goleadas têm sido uma constante.

Finalmente o jogo mais importante era aquele que opunha os iniciados da AAE aos do Infante, já que ambas as equipas seguiam empatadas no 1.º lugar. A primeira parte decorreu com os portuenses a defenderem muito bem não dando hipóteses à AAE de criar qualquer oportunidade flagrante de gol. No 2.º tempo foi o Infante a abrir o activo, mas os espinhenses reagiram com grande determinação acabando por virar o resultado e conquistar um importante triunfo, embora, como já dissemos, à custa de muito suor. Nesta equipa há a distinguir duas figuras pela influência que tiveram no virar do resultado. Primeiro Antero que foi o melhor jogador da equipa, indo a todas, tanto a defender como a atacar, sendo o jogador-operário que não dá nas vistas mas cuja acção é muito influente. Depois Vítor Hugo, não pelo que jogou pois esteve sempre muito marcado e não esteve nos seus dias, mas pelos golos que marcou (3), os outros 2 pertenceram a Antero) em jogadas que definem qualquer jogador.

O fado e o futebol

Esta página tem como objectivo fundamental, ainda que algumas das vezes não o tenhamos conseguido, dar cobertura à actividade desportiva desenvolvida no concelho de Espinho. O que não nos impede todavia, de quando o pensarmos oportuno, ainda que os outros o considerem incómodo, fazermos referências a acontecimentos de âmbito nacional mais ou menos respeitantes ao Desporto. E sobretudo quando subrepticamente se pretendem dar outros significados a eventos desportivos.

Referimo-nos ao Torneio Internacional do Sporting de Braga, a que está directa e indirectamente ligado o nosso conterrâneo dr. Lito Gomes de Almeida. Não contestamos, é evidente, que se realizem torneios destes, com resplandescentes estrelas como Chalana, Bento, Néné ou Yazalde, a par de mais modestos jogadores dum Vit. de Guimarães ou dum Sport. de Braga. O interessante é que por mera coincidência (será?) se misture fado com futebol, a lembrar o que o regime deposto já lá vai para três anos, fazia, utilizando a saudade e o chute na bola de couro como eficientes narcóticos da nossa consciência. Não contestamos o fado nem o futebol, como manifestação artística e desportiva. Repudiamos sim é a sua utilização como meios entorpecedores, eficientes obstáculos que nos impedem de conhecer a realidade e de a modificar. E este torneio de futebol com a Amália Rodrigues a cantar o fado, apresentada por Artur Agostinho cheia-nos a mais do que mera atracção. Parece estar muito mais perto das concertadas tentativas que ao lembrarem um passado que desejamos esquecido o pretendem regressado. E tudo isto cheia-nos ao bafio dos tempos que a Revolução de 25 de Abril quis apagar das nossas memórias.

Futebol de A a Z



FAMA — Uma das razões que leva muito jovem a entusiasmar-se (até de mais) com a prática do futebol é a fama de que gozam os grandes jogadores dos grandes clubes. Os garotos sonham tornar-se vedetas do chute, mas atenção que esses sonhos, quase sempre, são perigosos. Nem todos podem vir assim a atingir essa fama; e podem ficar tristemente pelo caminho os que se deslumbram por uns quantos êxitos iniciais e escolhem o futebol como modo de vida, deixando os estudos sem completar um curso, ou abandonando a oficina sem aprender uma profissão.

Agora, começa a haver, felizmente, uma outra mentalidade entre nós, e os próprios craques arrepiam caminho, ao descobrirem, por experiência própria, quanto a sua fama é ilusória e ao procurarem outro rumo mais certo para além do futebol.

CARLOS PINHÃO
Desenho de Martins

MARTE VIVA

A PROPÓSITO

Da 1.ª Exposição da Banda Desenhada em Ovar — ouvindo Vasco Granja e outros

(Conclusão)

Fanzine Pranchete — Acham que devemos encarar a BD sob um aspecto exclusivamente político, ou temos que atender também ao nível artístico?

Manuel Freire — Na minha perspectiva, a obra de arte não se pode dissociar do homem para quem é construída. E, não se podendo dissociar do homem, tem que ser en-

tendida como um meio de promover o homem, de conseguir para esse homem um futuro melhor. Inevitavelmente, estamos a cair em conceitos políticos. Toda a obra de arte, quer se queira ou não, é uma manifestação política. Como, aliás, tudo quanto fazemos. Nessa base, não podemos separar o que é a técnica do que é a mensagem, do que é a política. Cada um tem

Que futuro espera a Banda Desenhada e o cinema de animação portugueses?

Quem lhes valerá? Haverá coragem e modéstia suficiente nos responsáveis pela divulgação e criação destas artes em Portugal que os leve a admitir a sua incapacidade de, individualmente, alterarem a situação existente?

Serão eles capazes de criar associações dinâmicas capazes de dialogarem com o Governo, ao mesmo tempo que continuam a produzir o seu trabalho? Estaremos condenados a vê-los ruminar projectos só para si, encerrados em círculos que os limitam ou, quando muito, vê-los a trocar Portugal por outro país onde as condições lhes são mais favoráveis, mas apenas para eles? Estaremos condenados a ser um país culturalmente colonizado?

Supomos que não. Por isso, realizaremos em Espinho no próximo mês de Novembro o 1.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ANIMAÇÃO — CINANIMA 77 e uma Mostra de Banda Desenhada.

Convidaremos autores estrangeiros e nacionais, esperando que daqui saia um melhor conhecimento da situação destas artes, em Portugal e no mundo.

PI DE LA SERRA

3-VÍRGULA-14-16

O Pi eu conheci no Liceu. Era um tipo muito chato igual a 3-Vírgula-14-16 vejam só que disputério! Saí e o Pi (— Yuuuupii!...) nunca mais o vi

até o encontrar a cantar na festa do «Avante» — e de aí em diante. Mas este é um Pi a sério porreirão de la Serra de outra «tierra» desta terra desta guerra da Canção.

Carlos Pinhão



Vasco Granja e seus companheiros da entrevista

a sua visão, mas tem que haver qualquer coisa que pese a favor do homem, da Humanidade. O riso nunca fez mal a ninguém. O que é preciso é que não assente em bases anti-humanas, não seja um riso assente na exploração do ser humano, por exemplo. E nós todos, até inconscientemente, caímos nesse riso. Não quero dizer que a banda desenhada como qualquer outra manifestação artística tenha uma carga política perfeitamente legível. Não estou a ir ao caso de um Auclair, BD franco-belga, ao caso de um Pratt que, quanto a mim, têm uma carga política francamente positiva, progressista. Não é necessário que todas as BD tenham este peso, mas que pelo menos não nos façam ter uma visão retrógrada.

Vasco Granja — As BD que vêm da Bélgica têm uma única função — divertir, mais nada! Não pensem que os belgas vão fazer a revolução. A Bélgica é um dos países reaccionários, é a sede da NATO e de muitas outras coisas. Temos que ver as coisas como elas são. Ora, quando se refere a BD franco-belga está-se a referir a revista «Tintin». Mas a banda desenhada que se lê em Portugal não é só a revista «Tintin», lê-se BD revolucionária, por exemplo a BD francesa (grupo Hara-kiri, revista «Pilote», o semanário «G. Ouverte» que defende a ecologia, uma qualidade de vida, e que se serve da BD para mostrar que tudo que há no mundo capitalista está errado, os grupos marginais «L'Humanoide Associé», que se servem do terror para denunciar um certo tipo de sociedade).

Victor — O que eu pretendo é que a BD deve ser lida tendo em atenção que o conteúdo é, muitas vezes, disfarçado pelo embrulho. Que as pessoas não devem consumir a BD sem fazerem um juízo crítico sobre ela.

Vasco Granja — As pessoas não devem consumir indiscriminadamente o que quer que seja. A Televisão, por exemplo, os jornais, a imprensa. Já viu a imprensa que há neste momento em Portugal? Porque é que devemos apontar só esses defeitos à BD?

Tito Almeida — Podemos talvez comentar o caso dos super-heróis americanos, de tendências ní-

tidas, mas que, no que respeita à técnica, são de grande valor.

Vasco Granja — Outro terreno resvaladiço, onde se escorrega facilmente. Nos «Comics» americanos há muitos deles que lutam pela defesa da liberdade, lutam contra a sociedade americana, lutam contra a segregação racial.

Tito Almeida — Eles não estarão a desenhar super-heróis que já foram desenhados anteriormente a actuar no Vietname?

Vasco Granja — A BD nos Estados Unidos, na Bélgica, é um produto de consumo, é uma coisa para dar dinheiro a muita gente, mas há a outra face da medalha. Os americanos fazem os «Comics» e os «Comicx» para adestrir a BD tradicional, o movimento «Underground» que infelizmente já chegou ao fim mas foi um movimento contestador. Foi tudo passado à fieira nesse movimento.

Cordeiro — Falámos da BD portuguesa. Gostaria que falássemos duma coisa que lhe está muito ligada, o cinema de animação.

Eduardo — Há uma informação muito concreta do José Garcês. Essa informação é a seguinte: Victor Péon enveredará a partir de agora pelo cinema de animação. Será isto uma tendência dos autores de BD ou tratar-se-á de um caso esporádico?

José Garcês — O Victor Péon estaria a tentar enveredar pelo Cinema de Animação, uma ideia que trouxe de Inglaterra quando do seu regresso a Portugal. Nessa altura, ele vinha para fazer desenho animado. Não o fez. Até lhe digo, quanto a mim talvez até esteja a perder tempo em Portugal. Se ele estivesse em Inglaterra ou na França, talvez tivesse mais possibilidade. Aqui, nem faz BD, nem faz CA.

Eduardo — Deveremos nós, os que estamos em Portugal, pôr de parte a hipótese de uma melhoria da situação do CA e da BD portuguesas a partir duma tomada de consciência dos autores, dos artistas emigrados, que os levasse a colaborar, duma forma ou doutra, na melhoria da situação destas artes em Portugal? O que os levou a abandonar Portugal?

(Continua na página 6)



POR
PAG

Ilídio Martins da Silva
Rua 33-Bairro Moderno-Espinho